

Um escritor no divã - Contas ajustadas de Júlio Conrado

É natural de Olhão mas reside no concelho de Cascais desde os três anos de idade. Estudou na escola Veiga Beirão e na Escola Ferreira Borges, em Lisboa. Bancário, com uma presença quase ininterrupta, ao longo de quatro décadas, nos jornais (co-fundador do jornal «Costa do Sol», onde dirigiu o suplemento cultural «Texto e Diálogo»), colaborou no Jornal de Notícias, na República, no Século, no Diário de Lisboa, na Capital, em A Nossa Terra, no Mar Alto, no Jornal de Évora, na Vida Mundial, no Diário Popular, no Ponto, no Colóquio e Letras e no Jornal de Letras, Artes e Ideias, coordenou o jornal Loreto 13, da Associação Portuguesa de Escritores e coordena actualmente a revista «Boca do Inferno». Recomendado pelo júri do Prémio Círculo de Leitores pelo seu livro «As Pessoas da Minha Casa», em 1984, recebeu também o Prémio Cidade do Montijo com o livro «Gente do Metro», de 1989. Chama-se Júlio Conrado e é autor de novelas, de romances, de contos, de poesia, de crónicas, para além da crítica literária, do ensaio, e agora também do ensaísmo biográfico em torno da vida e da obra poética de José Jorge Letria. Acaba de editar dois livros de uma assentada, no passado mês de Junho: «De Mãos no Fogo», romance publicado pela editorial Notícias, e «Desaparecido no Salon du Livre», um romance publicado pela Bertrand.

Luís Souta - Como ainda não li os seus mais recentes livros (numa inusitada publicação de dois livros numa semana, o que é um facto pouco usual) pedia-lhe que nos desvendasse um pouco de cada um deles...

JÚLIO CONRADO - «De Mãos no Fogo» é um romance cuja primeira versão terminei em 1993. Não consegui arranjar editor e fui fazendo sucessivas versões do livro. Terminava uma versão e mostrava a outra editora - a ver se pegava - mas era difícil arranjar editor para o livro. A meu ver, fundamentalmente porque conotava-se muito o partido Lilás com o partido político que estava no poder na altura.

Abrange um período muito específico da história portuguesa...

Que é o período cavaquista, o cavaquismo. Montei uma intriga com os bons e os maus no mesmo saco, ou seja, não há um partido, uma organização de fora, com os bons a combater os maus no poder, mas há um conflito de interesses dentro do mesmo núcleo de poder. Bons e maus lutam na mesma esfera de acção. Um tema muito conflitual que, segundo penso, afastou as editoras. Essa dificuldade em arranjar um editor acabou por reverter em favor do próprio livro, ficou uma obra muito mais elaborada e mais madura.

Segundo entendo, uma das suas formas de trabalhar é reescrever os textos, há textos que aparecem reescritos nas segundas edições e há mesmo livros onde essa alteração aparece explicitamente referenciada. Gosta de trabalhar e retrabalhar os textos...

Há muita gente que faz isso e acho que não é nenhum crime, o Mário Dionísio fez isso, o Carlos Oliveira idem, aspas - e tanta outra gente boa.

(...) Um dos temas que parece importante nas suas obras é a abordagem do fenómeno político. Em «De Mãos no Fogo» aborda um período de certa importância na sociedade portuguesa...

Sim, em «De Mãos no Fogo» passam, por exemplo, as pressões sobre a opinião pública portuguesa causadas pela eclosão de alguns escândalos que eram tratados com alguma ênfase na imprensa semanal, pelo menos em certa imprensa semanal. Um fenómeno que foi um choque, que abalou a opinião pública, as estruturas do governo...

E este segundo, o «Desaparecido no Salon du Livre»?

Nesse tentei um pequeno exercício do direito à indignação, por causa dumas partidas deselegantes que me fizeram. Mas a dinâmica do livro afastou-me do ressentimento. A escrita ganhou alegria, humor corrosivo, sarcasmo, o enredo exigiu um detective privado, pago pela mulher do escritor desaparecido, e, por fim, a coisa descamba para os domínios da ficção científica com laboratórios onde a este último são administradas beberagens com a finalidade de mudar de registo vocacional. Bebe-se aquelas coisas e deixa-se de ser escritor, passa-se a ser

professor. É à volta disso que se tece a segunda parte do romance. A sequestradora é uma mulher implacável, uma enfermeira absolutamente furiosa, mas entre sequestrado e sequestradora gera-se um romance de amor...

Esse é outro dos temas que é constante nas suas obras

Bom, (risos) gosto de mulheres... (isto é off the record)

Mas é uma marca muito forte nos seus livros...

Sim, sobretudo porque a mulher tem sempre um papel condutor...

São sempre figuras muito fortes que encontra nas mulheres...

Ou então é o narrador que é fraco (risos). As mulheres conduzem sempre o processo, é um pouco assim.

Os seus livros raramente são catalogados segundo géneros. Até diz que há para aí umas pessoas que são «os polícias dos géneros e dos estilos» e que «a compartimentação clássica dos géneros» tem alguma coisa de despótico...

Não estou neste momento em condições de assegurar se isso foi dito por mim ou por uma das minhas personagens, mas posso dizer-lhe que existe um grande preconceito em relação a determinadas situações que ocorrem nessa área, como a de um crítico não poder ser um bom escritor. Um poeta pode ser um romancista e um crítico, ninguém o leva a mal, mas um crítico de ficção não pode ser simultaneamente um produtor de ficção.

Poder jogar em dois tabuleiros...

Isso irrita-me um pouco, porque estive sempre muito à vontade, gosto de comentar obra alheia com alguma desenvoltura, mas isso nunca me impediu de escrever romances. Se, a dada altura, escrevi mal romances foi porque estava a aprender a escrevê-los e podenão ter saído grande coisa, mas não é por que considere que haja incompatibilidade entre fazer crítica e escrever ficção.

E o Conrado nunca deixará de jogar nessas duas esferas...

Penso que não, é só uma questão de me sentir para aí virado, digamos assim. Estou a publicar dois romances e também já anda por aí mais um livro de ensaios - «Ao Sabor da Escrita» -, isso significa que a minha produção vai continuar a estar presa a estas duas vertentes.

Outra marca é a sua ligação muito longa à imprensa, cerca de 40 anos. Isso é uma boa escola para a ficção?

Nunca estive ligado à imprensa, em termos de vínculo contratual. Apenas fui colaborador externo da imprensa. Comecei na imprensa regional, é um facto. A minha experiência com a imprensa não é uma experiência de jornalista profissional.

Teve aqueles suplementos literários que coordenava...

Pois, mas isso era sempre marginal à actividade jornalística profissional.

Nunca se considerou a si próprio como jornalista de profissão?

Como profissão não, mas claro que faço jornalismo - neste momento estou a coordenar a «Boca do Inferno» e isso é uma forma de fazer jornalismo, jornalismo cultural. Comecei na imprensa regional e comecei a despertar para as letras na imprensa regional. Depois frequentei tertúlias. Isto aí por 1965. É nessa altura que eu começo a despertar para as realidades sociais, para a política.

Num dos seus livros fala na escrita da periferia, ou do «escritor periférico». Acha que é um termo que se aplica à sua forma de estar na literatura?

O escritor periférico aqui pode ter duas representações. A de um escritor que vive na periferia e que, portanto, tem uma visão periférica dos grandes temas e das grandes causas por estar fora dos grandes centros, ou a de um escritor periférico em relação a um núcleo de estrelato - há as estrelas, por assim dizer, e depois há as estrelas mais pequenas na periferia daquelas.

Outro aspecto interessante são os avisos que lança à navegação... Qualquer semelhança é pura coincidência... Em

rigor não se trata de uma auto-biografia...

Em «De Mãos no Fogo» perguntar-me-ia para que quero a completa autonomia do texto relativamente a casos factuais. Trabalhei num registo de verosimilhança, mas sempre sem recorrer ao verídico factual, e, como tal, sem jamais perder de vista que a principal função do ficcionista é criar, inventar, fabular. Muitos dirão que este partido lilás se parece com o partido laranja. Outros dirão que não senhor, que um partido laranja nunca funcionaria assim, mas de outra maneira.

Da sua vivência ressalta a passagem pela escola primária onde sofreu com um professor severo... O termo que usa é muito forte «terrorismo docente». Fala da cana da índia e diz a certa altura «aquilo era ponteiradas a torto e a direito»...

Era o espírito da época.

Num dos seus textos refere uma categorização, relativamente aos tempos da sua infância, em que divide os alunos da escola no grupo dos "calçados" e no dos "descalços"... E recorda as terríveis corridas onde os descalços se vingavam ganhando as corridas. Havia uma divisão social bem nítida...

Na escola oficial, os remediados andavam calçados, os pobrezinhos andavam descalços. Eu por acaso nunca andei descalço...

Mas perdia a corrida...

Apesar de o meu pai e da minha mãe serem pessoas modestas. O meu pai era operário especializado e era poeta. Gostava de de dizer e fazer versos. Eu chamo-me Júlio porque ele admirava o Júlio Dantas, tive de me aguentar este ónus de o Júlio Dantas ser o meu padrinho onomástico...

Esteve também muito ligado à actividade bancária...

Depois de trabalhar cinco anos na Câmara de Cascais, surgiu a oportunidade de ir para o banco e em 1960 fui para o banco Burnay, onde me mantive até 1987. Fiz 27 anos de banca. Fechei a carreira como gerente, não é nada de espectacular, foi interessante.

No «Maldito Entre as Mulheres» também diz que «e todos sabemos como a infância nos morde impiedosamente os calcanhares»... Este é um período muito marcante para si...

Sim...

E ainda mais a adolescência

Todas essas contas estão ajustadas. Não vamos agora estar permanentemente a reviver esse assunto, esses tempos...

O tema escola aparece ao longo de vários dos seus livros. Acha que a visão que os escritores têm sobre a escola pode ser uma fonte de conhecimento dessa instituição... ?

Não sei. A minha relação com a escola foi escassa. Quando estive na banca sim, fiz para aí uns 20 cursos de formação ou mais mas não tive um percurso como os de hoje, em que um indivíduo nunca mais sai da escola, porque depois da licenciatura vai fazer o mestrado, depois do mestrado o doutoramento, e depois a agregação...

Esse olhar do escritor sobre esta realidade social, a caracterização dos professores e dos alunos pelos escritores não será bem mais humana e rigorosa?

Nós funcionamos um pouco em termos de memória, mas eu, por exemplo, não me sinto minimamente à altura de fazer uma crítica à escola...

Mas quando fala na escola do passado, que é aquela sobre a qual escreve, eu pego nos seus textos e vejo que são excelentes formas de nos dizer como é que aquela instituição funcionava naquele período...

Sim, mas isso é natural, e eu sou bastante crítico em relação a isso.

Mudando de registo, não acha que o aparecimento de muitas escritoras está a alterar o mundo muito masculino da escrita em Portugal?

Nesse aspecto, a mudança mais profunda reside na crítica literária, que realmente agora está nas mãos das mulheres. Não sei se isso significa que as mulheres são superiores aos homens, mas a verdade é que ainda sou do tempo em que a crítica literária era uma coutada masculina.

E o próprio mundo dos escritores....

Sim... enfim, havia boas escritoras, caso da Maria Judite Carvalho, que era uma excelente contadora de histórias, mas a crítica era um mundo predominantemente masculino. Gaspar Simões, Óscar Lopes, Alexandre Pinheiro Torres, não havia praticamente nenhuma voz feminina. Não sei se para o bem, se para o mal, mas a verdade é que são elas agora que pontificam na crítica.